

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

ARTES VISUAIS – BACHARELADO

DIÓGENES FERNANDES CONSTANTINO

GRAFFITI COMO FORMA DE CONSCIENTIZAÇÃO

CRICIÚMA, JUNHO DE 2011

DIÓGENES FERNANDES CONSTANTINO

GRAFFITI COMO FORMA DE CONSCIENTIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

Orientadora: Prof^a. Esp. Angélica Neumaier

CRICIÚMA, JUNHO DE 2011

DIÓGENES FERNANDES CONSTANTINO

GRAFFITI COMO FORMA DE CONSCIENTIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção de Grau de Bacharelado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 14 de junho de 2011

BANCA EXAMINADORA

Profª Esp. Angélica Neumaier – Especialista - (UNESC) - Orientadora

Prof. Paulo Barrios – Mestre - (UNESC)

Clóvis Ferrari – Especialista em design para estamperia - (UFSC)

**A Deus e a todos aqueles que fizeram parte
dessa caminhada que fecha mais uma etapa da
minha vida.**

AGRADECIMENTOS

A vida é composta por etapas, onde jamais conseguimos avançar sozinho. Estamos rodeados de pessoas que nos ajudam e nos auxiliam para que venhamos obter sucesso em nossa caminhada.

Agradeço primeiramente a Deus por me inspirar e me dar forças para concluir esse projeto. Meus sinceros agradecimentos a minha família, pela paciência e pela força, pois me motivaram nos momentos onde eu me encontrei desesperançado. Meu muito obrigado a minha noiva Marília Biehl Cechella, que além de parceira, foi companheira nas horas de aplicar os stencils e filmagens. Agradeço a todos da Igreja Ministério Crescer em Cristo que me apoiaram financeiramente e também em orações. Muito obrigado pelo suporte que a equipe de desenvolvimento da Cerâmica Portinari, ao qual faço parte, me forneceu.

Meus agradecimentos a minha orientadora Angélica Neumaier, a Prof^a. Ma. Amalhene Baesso Reddig do Arte na Escola, que me recebeu em sua sala quando a procurei para desenvolver um stencil no campus da UNESC, e por sua confiança no meu projeto. Agradeço a Gabriela Baesso Nola, que além de amiga, foi um suporte nas horas de dúvidas. Agradeço a todos que fizeram parte, diretamente e indiretamente desta pesquisa, muito obrigado.

**Enquanto procuro um tesouro que aqui na terra
não tenho, o reino do bem é a grande pérola,
longe dos idólatras, dólar e outras cédulas.
(MANUSCRITOS)**

RESUMO

Esta é uma pesquisa em arte e busca aprofundar estudos sobre: intervenção urbana, graffiti, pichação e stencil. A pesquisa segue fazendo relação entre o homem contemporâneo, cidade e conscientização. A pesquisa se fundamenta em estudos sobre teóricos de arte e psicologia, tendo como autores: Manco, Lowen e Carlos. Este estudo permitiu a análise da utilização da arte – por meio da intervenção urbana, através do graffiti, utilizando a técnica do stencil – como forma de conscientização, o projeto será voltado para a cidade. A partir da análise de obras de artistas do estado de Oaxaca - México, Ana Santos e Art Jaguar e do britânico e grafiteiro Banksy, desencadeia-se a produção artística de três desenhos aplicados à técnica do stencil, com conceito voltado para a conscientização do materialismo e consumismo em massa.

Palavras-Chave: Arte, Intervenção Urbana, Stencil, Cidade, Narcisismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Marilyn Monroe por Warhol	16
Figura 2 – Jean Michel Basquiat	17
Figura 3 – Keith Haring – Ignorance = Fear, Silence = Death. 1989	18
Figura 4 – Exposição Vertigem. Os gêmeos	23
Figura 5 – Cristo Redentor pichado por dois jovens de São Paulo	25
Figura 6 – Máscara e Stencil.....	28
Figura 7 – Banksy Stencil: Afeganistão.....	31
Figura 8 – Banksy em Glastobury	32
Figura 9 – Banksy Afeganistão.....	32
Figura 10 – Instalação de Banksy na Disney World.....	32
Figura 11 – Recorte de André The Giant do jornal.....	35
Figura 12 – Cartaz Obey	36
Figura 13 – Fairey Shepard com o cartaz de Obama.....	36
Figura 14 – Stencil de Ana Santos	38
Figura 15 – Stencil de Ana Santos	38
Figura 16 – Stencil de Ana Santos	39
Figura 17 – Stencil de Ana Santos	39
Figura 18 – Instalação de Ana Santos	40
Figura 19 – Stencils do Grupo Art Jaguar	41
Figura 20 – Stencil do grupo Art Jaguar.....	41
Figura 21 – Banksy e o Cristo do comércio.....	49
Figura 22 – Graffiti dos irmãos “Os gêmeos”.....	50
Figura 23 – Impressão e montagem para recorte	51
Figura 24 – Recorte do desenho sobre o molde escolhido	51
Figura 25 – Máscaras recortadas.....	52
Figura 26 – A Maldição da cédula	52
Figura 27 – A Maldição da cédula - Ganância.....	53
Figura 28 – A maldição da cédula – tudo que é demais enoja	54
Figura 29 – A maldição da cédula – Quem controla sua vida?	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	12
3 ARTE CONTEMPORÂNEA E INTERVENÇÃO URBANA	14
3.1 Intervenção Urbana.....	18
3.2 Graffiti.....	21
3.3 Pichação.....	23
3.4 Graffiti x Pichação.....	25
3.5 Stencil.....	26
4 PROTESTOS + ARTISTAS = STENCIL	29
4.1 Banksy.....	29
4.2 Sherpaid Fairey.....	33
4.3 Oaxaca, Protesto e Graffiti	36
4.3.1 Ana Santos.....	37
4.3.2 Crew Arte Jaguar.....	40
5 CIDADE E O HOMEM CONTEMPORÂNEO	42
5.1 Cidade	42
5.2 Homem contemporâneo	43
6 PRODUÇÃO ARTÍSTICA – “A MALDIÇÃO DA CÉDULA”	47
6.1 Processo de criação.....	47
6.1.1 Problema.....	47
6.1.2 Coleta de dados e Obras referências	48
6.1.3 Desenvolvimento da Obra	50
6.1.4 Stencil Aplicado.....	53
6.2 ANÁLISE DE DADOS: O QUE DIZ A SOCIEDADE?	56
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

O apreço que tenho para com a arte urbana teve seu início em minha vida na adolescência. Envolvido com skate pude conhecer a cultura urbana, suas músicas e manifestações artísticas. Como Criciúma na época não possuía graffiti, o único modo de conhecê-lo era por meio de revistas e fitas VHS de skate. Conhecendo um pouco mais sobre a arte sempre soube a forte influência de suas mensagens na sociedade. Os graffitis que mais me chamavam a atenção eram os que protestavam.

No entanto, não bastou somente o graffiti para formar minha identidade, pois o gosto pelo desenho vem desde criança.

Um fator muito importante para formação do meu caráter foi a música. Bandas como Rage Against the Machine, RodoX, Public Enemy, Rancid, Ecclesiastes, sempre abordavam temas políticos, sociais e espirituais.

A leitura também foi uma ferramenta eficaz para a minha formação. Uma das frases que me lembro é a de Martin Luther King: "I have a dream" (Eu tenho um sonho), fruto de leitura diária de quando era adolescente. Desde então sempre sonhei em realizar meus projetos e jamais ser só mais um na sociedade.

O envolvimento com as técnicas da arte urbana veio no decorrer do curso de Artes Visuais Bacharelado, nas aulas de serigrafia e linguagens artísticas lecionadas pela professora Angélica Neumaier. Quando ingressei no curso meu foco era desenvolver o lado profissional onde atuo como Designer de Produto. Com o passar dos semestres pude conhecer a história da arte e suas vertentes e entender a função das artes visuais. Cada ano que se passou pude sentir a evolução tanto profissional, como enquanto acadêmico. O despertar para trabalhar com stencil aconteceu na aula da professora Marlene Just, que lecionava Pintura II. Após desenvolver um quadro com a técnica do stencil, técnica aprendida com a professora Angélica, me senti cativado pela arte do *graffiti*.

A minha pesquisa se encaixa na linha de Processos e Poéticas do curso de Graduação em Artes Visuais Bacharelado, onde serão desenvolvidos stencils com mensagens de conscientização para uma sociedade voltada para o consumismo e materialismo em massa.

Para a confecção dos stencils utilizarei imagens que transmitem os malefícios que o dinheiro pode trazer para o psicológico do ser humano. Contendo imagens de pessoas manipuladas pela renda monetária, a obra tem como título “A Maldição da Cédula”. Após serem inseridos na cidade de Criciúma, registrarei o que sociedade sente quando se coloca como expectador das imagens que foram pintadas. A elaboração da obra será detalhada no capítulo 6 (Produção artística – “A maldição da cédula”).

Preocupar-se com o próximo e não somente com nós mesmo é uma qualidade que deve ser estimulada a cada dia. O mundo contemporâneo está formando uma sociedade que se importa apenas com sua imagem e sua própria vida. Minha afirmação não é de forma generalizada, mas sim focado em pessoas que se enquadram no estilo de vida onde existem mais pessoas que buscam a própria imagem e esquecem dos outros. Salvo as que pensam no mundo como um todo. Desenvolver um projeto de intervenção urbana é não limitar as pessoas que poderão ter acesso a sua manifestação artística, pois a rua é onde pessoas de diversas tribos, raças ou religiões, podem ter acesso.

O projeto de pesquisa em arte tem seu desenvolvimento a partir da metodologia que está descrita no segundo capítulo. A metodologia nos auxilia na utilização de métodos e elaboração de pesquisa. O capítulo contou com auxílio de referenciais como Andrade (2003) e Minayo (2004).

Dando continuidade, o terceiro capítulo traz a pesquisa do levantamento histórico. Explicando a arte contemporânea, sigo fazendo uma relação entre a intervenção urbana e suas vertentes relatando sua história e evolução. São apresentados artistas que fazem parte da arte urbana, onde os mesmos deram início a este tipo de arte. Os referenciais teóricos que foram fundamentais para esta pesquisa são: Cauquelin (2005), Cocchiarale (2007), Lucie-Smith (2006), entre outros.

Trazendo artistas que utilizam o stencil como forma de conscientização e protesto, o quarto capítulo faz um apanhado histórico sobre suas vidas e traz a história e a obra de Banksy, Ana Santos, Art Jaguar e Fairey Shepard. Para a construção desta pesquisa o referencial teórico contou com: Tristan Manco (2002); o documentário sobre arte urbana: “*Exit through the gift shop*”, e os escritores Eichenberg, Nevaer e Sendik (2009). Outras ferramentas utilizadas para a pesquisa foram os blogs e sites oficiais dos próprios artistas.

A relação da cidade com o homem contemporâneo segue no quinto capítulo, que inicia com uma fundamentação teórica sobre o que é cidade e sua influência na sociedade. Logo após fala-se sobre o homem contemporâneo e sua rotina de vida que o leva a enxergar somente a si mesmo. Nesse texto o assunto abordado é o narcisismo, que é a valorização da imagem e dos bens materiais. Os estudos teóricos ficam apoiados em Alexander Lowen (1983), Ani Fani A. Carlos (2003), Agnes Heller (2004), Allan Swingewood (1978) e Teresinha Maria Gonçalves (2007).

O penúltimo capítulo apresenta a obra “A Maldição da Cédula”. Relatando a fundamentação para o desenvolvimento dos três stencils, o capítulo segue com informações necessárias para a confecção das máscaras, aplicação na parede e o registro da opinião dos espectadores.

A conclusão se dá no sétimo capítulo, com a avaliação do material registrado sobre o problema.

2 METODOLOGIA

A pesquisa científica contribui para a evolução do conhecimento humano, sendo planejada através de métodos e processamento de informações. Andrade (2003, p. 121) define a pesquisa como “Conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos”.

O trabalho de conclusão de curso intitulado: *“Graffiti como forma de conscientização”* tem como problema a seguinte interrogação: “Como a intervenção urbana, por meio do *graffiti*, pode influenciar o homem contemporâneo em seu modo de vida e comportamento?”. Tem como objetivo geral: *“Despertar a sociedade para que haja consciência sobre consumismo e materialismo, utilizando o graffiti como ferramenta”* – e como específicos: *Aprofundar estudos teóricos sobre o graffiti, estudar a verdadeira função da intervenção urbana, elaborar três stencils com conceito inspirado no narcisismo e registrar o comportamento das pessoas quando se colocam como espectadoras da obra.*

A pesquisa de TCC se inscreve na linha de pesquisa Processos e Poéticas do curso de Artes Visuais Bacharelado da UNESC. A pesquisa de Processos e Poéticas visa tratar abordagens sobre psicologia da arte, antropologia da arte e filosofia da arte.

Por ser uma pesquisa que gera conhecimentos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista, envolvendo verdades e interesses universais, aplicando conhecimento pelo conhecimento, difundidos na comunidade, encaixa-se na linha de Pesquisa Básica.

Este projeto tem como base uma pesquisa realizada e fundamentada na arte urbana, sendo assim, qualitativa. Segundo Minayo, a pesquisa qualitativa:

[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2004, p. 21-22).

O projeto tem como objetivo ser uma pesquisa exploratória,

proporcionando uma ligação maior com o problema. Utiliza-se do levantamento bibliográfico através de artistas ligados a arte urbana, graffiti, intervenções urbanas e de pesquisadores sobre o comportamento da sociedade.

Quanto aos procedimentos técnicos é uma pesquisa de campo, pois é realizado a partir da observação e estudo de grupo e de entrevistas para captar as explicações e interpretações do que ocorre na realidade estudada.

A pesquisa é realizada através da história da arte urbana, a partir das intervenções, graffiti, stencil e manifestações que fazem parte da mesma. Entendendo melhor a história da arte urbana, busco estudar artistas que utilizam o graffiti com a técnica do stencil para orientar minha pesquisa. Com os estudos finalizados defini o conceito para os três painéis criados, utilizando temas de conscientização sobre o materialismo e narcisismo.

Após os painéis estarem inseridos na cidade de Criciúma - Unesc e no centro da cidade, meu objetivo é de alguma forma perceber se há conscientização a partir do momento em que a sociedade se coloca como espectadora. A população entrevistada tem em média de 15 a 60 anos. A pesquisa foi realizada no mês de maio e junho de 2011. Após a coleta de dados os mesmos foram registrados e analisados no capítulo 6.

Quero concluir a pesquisa obtendo um resultado positivo, onde meus painéis além de serem aplicados para estética urbana possam trazer uma mensagem de conscientização sobre o materialismo e a falta de atenção para com os valores morais do ser.

3 ARTE CONTEMPORÂNEA E INTERVENÇÃO URBANA

O *graffiti* é uma das formas de intervenção urbana e está inserido na arte contemporânea. Explanaremos a seguir essa ligação artística.

Não podemos confundir a arte contemporânea com toda a arte produzida nos dias atuais. Cauquelin (2005) nos traz à luz o termo contemporâneo, “infelizmente não se trata, no caso, de arte contemporânea no sentido estrito do termo – a arte do agora, a arte se manifesta no mesmo momento e no momento mesmo em que o público a observa” (p. 11). Do mesmo modo a arte moderna “Tão somente se trata de arte ‘moderna’, se entendermos por moderno o século XX em geral”. (p. 11).

Cocchiarale (2007) apresenta uma das diferenças entre o modernismo e a arte contemporânea, “a arte moderna seguia-se somente por uma reflexão formal, sendo que a contemporânea se desenvolve através do conteúdo” (p.16). O autor afirma ainda que “a arte contemporânea não é um campo especializado como foi a arte moderna” (p. 14).

Enquanto a arte moderna tendeu ao formalismo, a arte contemporânea segue na contramão. Para ser considerada contemporânea, a arte, a partir do modernismo buscou influências na sociedade e o ser humano passou a ser parte indissociável da obra. Cocchiarale explica o porquê do nosso receio sobre a arte atual: “Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e mais próximo da vida”. (2007, p. 16).

Somos acostumados a entender a arte e dissecar uma obra. Saber a época em que foi produzida, quais materiais o artista utilizou; a partir daí analisamos o traço e o estilo da obra, por fim o classificamos segundo o nosso conhecimento acadêmico e cultural. Quando nos deparamos com a arte contemporânea muitas vezes nossos preconceitos não nos deixam aceita-la. Seguindo a linha de raciocínio de Coli (2006), as “artes são certas manifestações da atividade humana diante da qual nosso sentimento é admirativo” (p. 8), além disso, “a arte não isola, um a um, os elementos da causalidade, ela não explica, mas tem o poder de nos fazer sentir” (p. 110). Não devíamos nos preocupar em entender, mas em sentir a arte. Esse pensamento não é exclusivamente de Coli, mas também de Cocchiarale:

O problema é que essas pessoas usam o único verbo: *entender*. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi ninguém dizer: eu não consegui *sentir* essa obra. Como as pessoas têm *medo* de sentir, elas *entendem*, reduzem sua relação ao ato inteligível e, por isso, esperam pelo socorro do suposto farol da opinião daqueles que sabem: historiadores, filósofos, críticos, artistas, curadores... (2007, p. 14).

A arte também sofre evoluções, sendo assim ela é classificada por períodos e transições. Como sabemos o *graffiti* é uma manifestação artística que faz parte da arte contemporânea, onde o mesmo possui características da Pop Art.

Com o capitalismo em alta em virtude do pós-guerra, a mídia passa a ter ênfase cada vez maior na sociedade. Os artistas agora começam a desenvolver algo a mais em suas obras, tendo como tema o protesto, a ironia e a crítica. As obras nesse período têm um desenho simplificado e cores saturadas.

Segundo o autor Luce-Smith (2006), o artista americano Andy Warhol (1928-87) trouxe influências para o graffiti, sendo um dos principais artistas pop americano e um dos mais polêmicos. Warhol era Bacharel em Belas Artes e seu objetivo profissional era ser ilustrador. Com sucesso, o artista foi um dos melhores ilustradores dos anos 50 nos EUA. Porém foi a partir de 1960 que o artista começou a desenvolver algo referente a pintura.

Com uma mente subversiva, Warhol pintou celebridades com cores fortes e muito semelhantes à técnica da serigrafia. Um contestador da sociedade, o artista, por exemplo, criou uma pintura com o rosto de Marilyn Monroe, porém somente pintou a atriz após suicídio da mesma. A cadeira elétrica também foi outro ícone que Warhol pintou. Luce-Smith cita ainda que o crítico de arte Frank O'Hara acreditava que a arte pop era uma farsa, ou seja, os artistas queriam ver até que ponto os expectadores e apreciadores de arte engoliriam o pop (O'HARA s/d apud LUCIE-SMITH, 2006, p. 128). Uma frase de Roy Linchestein que também faz parte da cultura pop confirma a expressão citada acima: "Era difícil ver uma pintura que fosse desprezível o suficiente para que ninguém a dependurasse na parede – todo mundo dependurava qualquer coisa na parede". (LINCHESTEIN s/d apud LUCIE-SMITH, 2006, p.128). Warhol, além de trabalhar com pintura atuava como cineasta. Num de seus filmes tornou o tédio o tema principal, filmando um homem dormindo por seis horas. Um filme desprezível, que mostra a preocupação do artista com o tédio em que se encontrava a sociedade da época.

Figura 1 – Marilyn Monroe por Warhol



Fonte: http://playbleu10.blogspot.com/2010/06/blog-post_7204.html

Em 1984, Andy Warhol trabalhou com os artistas Jean-Michel Basquiat (1960-1988) e Keith Haring (1958-1990), ambos muito importantes para o *graffiti*. Andy Warhol faleceu em 1987 e sua obra inspirou os dois artistas que popularizaram o *graffiti* na mídia e aos olhos do mundo.

Jean-Michel Basquiat, segundo o relato histórico encontrado no livro *Os movimentos artísticos a partir de 1945*, escrito por Lucie-Smith (2006), é de origem haitiana e porto-riquenha. Com uma adolescência perturbada ocasionada pelo divórcio dos pais, Basquiat aos 17 anos decide ir morar sozinho e seguir sua vida em Nova York. Sua única fonte de renda eram as camisetas que produzia. Tempos passaram e Basquiat conhece o artista gráfico Al Diaz. Juntos os dois criam a marca *SAMO* (*same old shit – sempre a mesma merda*). A rua agora é o seu cenário, e junto com o colega começa a pintar as portas, paredes, portões e metrô da cidade.

Seus desenhos e pinturas possuíam ícones da cultura afro, mas ele não foi responsável pelo renascimento da arte afro-americana. O artista possuía apenas influência da arte que já vinha se desenvolvendo desde 1920. Basquiat era contestador e defensor dos valores de esquerda. Sua obra podia até ser encarada como racismo contra brancos, porém ele queria apenas manter um diálogo com o cidadão americano, sendo ele um jovem negro.

Figura 2 – Jean Michel Basquiat



(Fonte: <http://arteando.fiz.art.br/2010/11/jean-michel-basquiat-the-radiant-child/>).

Basquiat passa a ser conhecido no meio da arte sendo convidado para fazer parte de um filme que envolve *graffiti* e a cultura *hip-hop* como um todo. Basquiat começa a ter uma convivência com Andy Warhol. O artística ícone da Pop Art lhe abriu as portas dando suporte para sua produção. Dentro de ateliês o artista abandona as ruas e deixa sua última marca “SAMO IS DEAD” (Samo está morto). O convívio com Warhol e sua mente criativa transforma o rapaz em um artista muito influente no meio artístico.

O período mais criativo de sua carreira ocorreu de 1982 a 1985. Com o falecimento de Andy Warhol em 1987, Basquiat passa a fazer uso abusivo de drogas. Usuário de heroína, Jean-Michel Basquiat vem a falecer em agosto de 1988 deixando sua arte pelas paredes e logo mais em galerias e museus de arte pelo mundo.

Keith Haring que também tem seu resumo histórico inserido no livro de Lucie-Smith, nasceu em 1958, Reading, Pensilvânia. Em 1968 foi morar em Nova York, estudou na *School of Visual Arts* onde teve contato com performance, vídeo, instalação e colagem, porém sempre com uma forte relação com o desenho. Na década de 80 começou a por em prática seus desenhos a giz branco em metrô, onde sua linguagem ampla e formada por sinais gráficos era diferente da linguagem *brincalhona* dos grafiteiros da época. Dos metrô, os trabalhos de Haring passaram às camisetas, telas, e a qualquer superfície adaptável aos seus elementos.

O óbvio nunca foi a melhor opção para ele, ou seja, tinta óleo, acrílica, telas não eram o seu meio de expressão principal. A sua linguagem de expressão pictórica era a rua e outras superfícies utilizando materiais realmente diferentes.

Keith lidava com mensagens de conscientização e protesto como na imagem abaixo.

Figura 3 – Keith Haring – Ignorance = Fear, Silence = Death. 1989



Fonte: <http://oitudoemcima.com/2010/07/25/exposicao-de-keith-haring-no-brasil/>

Em 1988, Haring descobre que possui o vírus da AIDS. Após um ano o artista cria uma fundação para portadores do vírus. Preocupado com o social, Haring, no fim de sua carreira amplia ainda mais seu público e apreciadores de suas obras.

Além de ser uma peça fundamental para a arte urbana, Keith Haring é lembrado até os dias atuais como uma preocupada com a sociedade. O artista faleceu em meados de fevereiro de 1990.

3.1 Intervenção Urbana

Uma vertente da arte contemporânea, a intervenção urbana utiliza como suporte para suas obras a cidade. Segundo a Enciclopédia Itaú (2008), não há uma definição exata para o termo, mas é empregada no campo das artes com múltiplos sentidos. Já para Melendi (2009), esse movimento artístico, inova e recria lugares, paisagens já existentes.

Intervenção Urbana é o termo utilizado para designar os movimentos artísticos relacionados às intervenções visuais realizadas em espaços públicos. No início, um movimento underground que foi ganhando forma com o decorrer dos tempos e se estruturando. Mais do que marcos espaciais, a intervenção urbana estabelece marcas de corte. Particulariza lugares e, por decupagem, recria paisagens. Existem intervenções urbanas

de vários portes, indo desde pequenas inserções através de adesivos (stickers) até grandes instalações artísticas.

Acompanhada de ações artísticas, essas obras são expostas em superfícies urbanas como muros, portões, estradas, metrô, paredes, esgotos etc. Macieira e Pontes (2007) comparam a cidade como a pele que recobre o corpo humano. A pele além de dar proteção ao corpo também é revestida com tecidos e acessórios que ficam expostos, logo, transmite e desperta sentidos a quem a observa.

Assim como a pele revela dados vitais sobre o corpo, as superfícies da cidade nos revelam também a vitalidade desse corpo social. As superfícies urbanas formam a camada epitelial da cidade. A pele da cidade também é formada por seus suportes característicos e por intervenções vivas nesses materiais. Ações com finalidade estéticas e ideológicas ou, simplesmente, marcas da relação homem e cidade. Desenhos na superfície – marcas do acaso – convivendo com o design de superfície, estruturas visuais projetadas que interferem de forma intencional na superfície urbana. (MACIEIRA E PONTES, 2007, p.15).

Pode-se dizer que intervir na cidade é uma forma de *não-musealização* da arte. A arte urbana não limita a sociedade, nem se quer faz acepção de pessoas. Enquanto um museu tem a visita de certo tipo de público ou classe social, a rua, a pele da cidade, abrange a todos como expectadores.

Segundo Ribeiro (2010, p. 14-23), a intervenção urbana tem seu início histórico nas capitais da Europa no século XIX, através de cartazistas que associavam boemia, propaganda e entretenimento. No Brasil, a intervenção urbana acontece na década de 70 através de grupos que optaram pelo centro urbano para expandir seus conhecimentos e os conceitos de arte. Em 1990, a intervenção urbana alcança uma expansão em termos de conceitos. Agora mais do que recriar o espaço e manter uma conexão com a sociedade, o ideal é intervir alterando resultados, se encaixando na tendência ativista.

Os artistas relacionados com a intervenção urbana não estão preocupados com salas de museus e paredes de galerias. Por esse motivo, apropriam-se da pele urbana tatuando-a com sua arte, protestando, recriando, reivindicando, conscientizando e até mesmo montando uma nova superfície aos moradores e aos que estão somente de passagem pelo centro urbano.

Interferir na sociedade mudando ambientes já existentes é uma tarefa um tanto quanto inusitada. Recriar, transformar, reformular algo onde você coloca a sua visão, o seu ponto de vista e seus conceitos estudados, é aplicar aquilo que compreende e que acha necessário para a sociedade. Segundo Melendi,

A arte contemporânea se propõe modelar mais que representar, pretende inserir-se e agir dentro do tecido social mais do que se inspirar nele. De esse ponto de vista, a obra de arte se constitui como um interstício social, um espaço de relações humanas que, ao se integrar mais ou menos harmoniosa e abertamente no sistema global, sugere outras possibilidades de intercâmbios que aqueles que vigentes nesse sistema. (MELENDI, 2009)

Algumas características são essenciais para definir a intervenção urbana. A Enciclopédia Itaú Cultural (2008), fala em seu texto sobre a definição de intervenção urbana algumas das características:

A relação entre a obra e o meio (espaço e público), a ação imediata sobre determinado tempo e lugar, o intuito de provocar reações e transformações no comportamento, concepções e percepções dos indivíduos, um componente de subversão ou questionamento das normas sociais, o engajamento com proposições políticas ou problemas sociais, a interrupção do curso normal das coisas através da surpresa, do humor, da ironia, da crítica, do estranhamento. A reversibilidade de sua implantação na paisagem, seu caráter efêmero, é outra características das intervenções.

A arte urbana também sofre evolução. Inicialmente como conscientizadora, protestante e educadora, hoje passa por um momento mais formal, adentrando galerias de arte, museus e bienais. Com nova forma ou mesmo, novo local, a intervenção foge dos seus princípios, sendo que algo que foi criado para as ruas hoje também é encontrado preso e destinado a lugares fechados. Os irmãos gêmeos Gustavo e Augusto que formam a dupla de grafiteiros *Os Gêmeos*, dão seu ponto de vista a respeito do assunto, afirmando que o graffiti ou qualquer manifestação urbana deve ser exposta na rua, pois é uma arte urbana.

Para eles o graffiti exposto nos museus e nas galerias de arte não passa de artes plásticas¹. Para o curador de arte Ribeiro (2009), a entrada do *graffiti* nos museus brasileiros tem muito a ver com o contexto mundial em que vive a cultura desta arte. Sendo assim, o graffiti com tal evolução não pode ser intitulado como modismo, mais sim um amadurecimento da arte. “A moda chama atenção, já o

¹ GÊMEOS, 2009. Disponível em <<http://virgula.uol.com.br/ver/noticia/diversao/2009/10/23/225894-os-gemeos-estremam-exposicao-em-sp-neste-sabado-leia-entrevista>> Acesso em 15 Outubro 2010).

amadurecimento faz com que nos consolidemos. Um museu não pode expor algo só por ser moda“ (RIBEIRO, 2009).

Entendendo a ligação da intervenção urbana com a arte contemporânea, aprofundarei estudos sobre os tipos de intervenção urbana que possuem relação com o graffiti, protesto e conscientização da sociedade.

3.2 Graffiti

O aprofundamento histórico tem como base o livro: *A história do graffiti* (GITAHY, 2002). As pinturas nas cavernas mostram a manifestação do homem e a sua preocupação em comunicar-se. Podemos afirmar que essa forma de expressão tão antiga pode ser uma das primeiras expressões de graffiti. Utilizando ossos, plantas, pedras, terra misturada com água, o homem deixava sua marca pintando e rabiscando nas paredes da pré-história.

Um pouco mais adiante na história da humanidade encontramos os egípcios, que dentro de suas pirâmides e túmulos pintavam murais com signos e imagens. Mesmo sendo uma pintura muralista, não deixa de ser uma expressão muito primitiva do graffiti. A sociedade sempre buscou manifestar-se, sendo assim, a pintura muralista, que começou na pré-história, passou pelos egípcios se expandiu ao Extremo Oriente, Ásia, e por todos os povos do mediterrâneo.

No século XX, no México, os artistas pintam murais nas laterais dos prédios públicos. Longe das cavernas, o homem começa a entender que pintando seus muros, prédios e paredes, ele cria um movimento artístico, uma arte que é capaz de alcançar a sociedade em massa. O muralista David Alfaro Siqueiros, em 1920 – Barcelona, incentivou os artistas da América Latina a promover a arte que alcança a todos com a seguinte frase: “Pintaremos os muros das ruas e paredes dos edifícios públicos, dos sindicatos, de todos os cantos onde se reúne gente que trabalha” (SIQUEIROS, 1920 apud GITAHY, 2002, p.15).

A arte muralista também está presente no Brasil. Nos anos 40 já existiam muitos murais em fachadas e paredes brasileiras. Cândido Portinari foi um dos pintores muralistas, suas obras são encontradas por São Paulo e Rio de Janeiro.

Junto com a arte muralista, surge a pop art, onde, juntas fizeram uma preparação para o surgimento do graffiti. A técnica que utiliza o spray começa a ter vida nos anos 60 e 70, onde ganha forma e corpo nos anos 80. A cidade é o lugar

ideal para o graffiti. Postes, muros, viadutos, becos, vielas, bancos, paredes, vagões de trem, metrô, esgotos, estão pintados com imagens e letras, muitas vezes semelhantes, tendo como característica a pop art a repetição.

Considerado pós-moderno, não podemos confundir-lo com pinturas em muro que, não advindo do novo, se enquadram, de uma forma ou de outra, nos padrões convencionais de pintura e não possuem uma produção considerável. Vale lembrar que toda manifestação artística representa a situação histórica em que esta ocorre, não porque necessariamente toda arte deve ser engajada, mas porque é realizada pelo sujeito histórico dentro de um contexto histórico-social e econômico. (GITAHY, p. 17).

A arte de grafitar não pode ser confundida com pinturas de avisos, lojas, promoções ou ofertas. O graffiti possui características de linguagem que são estéticas (GITAHY, 2002, p. 17-18):

- Pode ser reproduzido com uma linguagem figurativa ou abstrata;
- Utiliza-se de traços para definir sua forma;
- Pode ser através de pintura ou impressão;
- É reproduzido com imagens editadas ou de própria autoria do autor;
- Pode-se usar uma matriz (máscara) para sua repetição, uma característica herdada da pop art;
- Utilizar um mesmo estilo quando feito a mão livre.

O graffiti tem uma função na sociedade, assim como toda arte de intervenção urbana. Somos bombardeados com avisos, panfletos promocionais todos os dias, porém o graffiti é a forma de comunicação que não nos impõe nada obrigatoriamente, a não ser pensar. Sampaio conclui o graffiti como comunicação urbana:

O graffiti ajuda-nos a compreender os mecanismos de comunicação urbana, de leitura da imagem cidadina, converte o imaginário em real, nos indica como a cidade é um espaço (físico e mental) em constante construção simbólica, e que, assim, uma cidade não é só topografia, mas também desejos, sonhos. Nossa atuação, nossa existência participante faz com que se criem vínculos entre esse espaço e nós mesmos. (SAMPAIO, 2006, p. 9)

Figura 4 – Exposição Vertigem. Os gêmeos



Fonte: <http://bitmag.com.br/200909231828/artes/exposicao-vertigem-de-os-gemeos-chega-a-sao-paulo.html>

3.3 Pichação

Assim como o graffiti, a pichação também é uma manifestação antiga. Um dos primeiros sinais da pichação são as paredes da cidade de Pompéia 79 d.C., pichadas com xingamentos, colagens eleitorais e poesia.

Já na Idade Média, a pichação era utilizada para incriminar, perseguir e castigar pessoas consideradas como bruxas. Os padres utilizavam tal ferramenta para escrever com uma substância parecida com piche² nas casas e entidades das quais não lhe eram favoráveis.

Logo adiante, o ato de pichar passou a ter a função política, onde revolucionários pichavam as paredes das casas de pessoas ligadas ao governo, com palavras que expunham sua indignação perante os problemas presentes da sociedade. Tais pessoas eram consideradas como revolucionários.

Com a segunda guerra mundial, começam a ser industrializados artigos em aerossol, como perfumes, inseticidas e desodorantes. O spray é um segmento da tinta usada sob pressão de uma bomba compressor, que veio para substituir os vernizes e tintas com aplicação bucal, dando liberdade e velocidade para quem o

² Substância negra, mole e gomosa; é o resíduo da destilação de alcatrão ou de petróleo. Disponível em: http://www.dicio.com.br/piche_2/ Acesso: 14 jun. 2011.

manuseia. Uma das primeiras utilizações do spray na pichação foi em 1968, em uma manifestação estudantil na Europa. Todas as frases utilizadas em cartazes foram também escritas nos muros da França. (GITAHY, 2003, p. 15).

Segundo a lei de nº. 9.605, do dia 12 de fevereiro de 1998, artigo 65, *Pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano, tem como pena a detenção, de três meses a um ano, e multa.* O parágrafo único diz que se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena de seis meses a um ano de detenção, e multa.

Para pichar os muros era necessário praticar o ato as escondidas, tendo maior liberdade no período da noite. Assim como na Europa, os brasileiros também utilizavam a pichação como forma de protesto contra o Governo. A prática se popularizou e foi adquirindo novos adeptos, dando liberdade para piadas, declarações amorosas ou somente o nome do autor.

Gitahy (2002, p. 27-30) cita em seu livro, a evolução da pichação, onde a mesma se dividiu em quatro fases a partir da década de oitenta, sendo que a primeira fase teve como característica carimbar o apelido ou nome do próprio pichador pelos muros e paredes das cidades. A segunda fase é marcada através da guerra de espaços, onde se trocam as assinaturas por símbolos ou identificação de cada grupo ou crew³, juntamente com uma competição de criatividade. Lugares altos, prédios privados e públicos e monumentos são alvos dos *pichos*, a qual se apresenta como característica da terceira fase: a dificuldade e o ponto mais estratégico de se pichar. Na quarta fase, gerar polêmica e chamar a atenção da mídia com o picho é a característica principal do auge da pichação.

Segundo a revista veja do dia 27 de novembro de 1991, um dos pichos que obteve mais ênfase na mídia como vandalismo, foram os dois jovens paulistanos que picharam o Cristo Redentor em 1991.

³ Definição para grupos de artistas ligados a cultura de rua denominada “hip-hop”.

Figura 5 – Cristo Redentor pichado por dois jovens de São Paulo



Fonte: Revista Veja

3.4 Graffiti x Pichação

Graffiti e pichação são sempre confundidos por quem os enxerga. Os dois serão esclarecidos para que não haja uma confusão imagética e conceitual.

As duas manifestações artísticas utilizam o mesmo suporte e o mesmo material: a cidade e as tintas. Ambas fazem parte do movimento artísticos da intervenção urbana. Assim como a pichação, o graffiti também interfere no centro urbano, sendo estas, manifestações gratuitas e efêmeras. Para Sampaio (2005, p.16) o que impulsiona um grafiteiro a reproduzir sua arte é a necessidade de se expressar e sair do anonimato. SAMPAIO (2005, p.16) mostra uma frase de uma pichação que o mesmo encontrou na Espanha que dizia: “não há maior prazer em fazer o que não se pode fazer”. O graffiti também tem a função de sair do anonimato, porém a pichação carrega a postura de quebrar as regras.

Graffiti e pichação não possuem o mesmo conceito pictórico, segundo Gitahy (2002, p. 19), “uma das diferenças entre o graffiti e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o graffiti

privilegia a imagem; a pichação, a palavra e/ou a letra”. Enquanto o graffiti preocupa-se com a estética, cores e desenhos, a pichação preocupa-se em marcar território, deixar marcas, falar mal ou simplesmente se apoderar de uma superfície.

Grafitar ou pichar um local não permitido é crime, porém não devemos recriminar os artistas e sim procurar entendê-los. O artista Villaça nos coloca a pensar quando diz:

Devemos procurar entender essa manifestação humana. Se somos da mesma espécie, por que reprimir, tão drasticamente, uma atividade muito menos perigosa do que as barbaridades sociais, ecológicas e políticas, corrupções e violência que se sucedem a nossa vista e são enaltecidas pela mídia? (VILLAÇA s/d apud GITAHY, 2002, p. 26).

Um grande exemplo da falta de entendimento por parte do governo é o muro de Berlim: na face oriental, o muro mantinha-se limpo; do lado ocidental era notável a presença de desenhos, frases e palavras espalhadas pela extensão do muro (GITAHY, 2002, p. 22). O artista de rua Ivan Sudbreck diz que “a arte sempre será o reflexo social de um povo” (SUDBREK s/d apud GITAHY, 2002, p. 23). Possuímos muros rabiscados e pintados, pois possuímos um povo oprimido que quer se expressar de alguma forma, seja ela correta ou não perante a lei.

Conhecendo as origens das duas manifestações artísticas e entendendo seu processo criativo, graffiti e pichação são linguagens de uma manifestação artística chamada intervenção urbana. Sabendo então que graffiti é diferente de pichação se expressam carregando as próprias posturas.

3.5 Stencil

O capítulo “stencil” tem seu referencial histórico embasado no livro *Stencil Graffiti* de Manco e do livro *O que é graffiti* de Celso Gitahy .

Com o mesmo anseio de expressar suas idéias e pensamentos a todos, o homem também utilizou o stencil para pintar e desenhar. Seu surgimento veio da necessidade de desenvolver o traço das silhuetas de suas figuras antropomórficas encontradas nas pinturas rupestres. Utilizando a parte de trás da mão eles a contornavam com tinta deixando o desenho mais parecido com o real.

No Egito, a técnica se desenvolveu e passou a ser utilizada através do couro e papiro para decoração de pirâmides e tumbas. Já na Ásia, o stencil foi

utilizado para decorar figuras de Buda e outros elementos ornamentais, estendendo-se mais tarde para a Europa, no período medieval.

O stencil foi introduzido na *Art Nouveau* e *Art Deco* na França. Sua introdução deu-se por intermédio das impressões de estampas e cartazes. Nesse período, a técnica era precária, tendo como matéria-prima para produção das máscaras⁴ chapas de metal. Em 1930 as telas de malhas serigráficas dão uma possibilidade maior para os artistas produzirem seus *stencils* com maior facilidade.

Na década de 80, em Paris, a arte do protesto misturado a Arte Deco e mais algumas influências artísticas foram capazes de criar algo novo. O resultado dessa equação artística foi o francês Blek Le Rat, estudante da escola *École des Beaux-Arts*, uma escola famosa por participar das greves de 1968. Blek tinha uma forte ligação com o protesto. Sua história com o graffiti começa quando ele e seu amigo Gérard decidiram adquirir algumas latas de spray para pichar. Como a tentativa de pichação não proporcionou um resultado esperado, Blek passa a utilizar o stencil. Sua repercussão foi enorme, no livro *Stencil Graffiti* (2007), Manco conta que Paris na época era como uma tela em branco, algo muito propício para os dois jovens que a pintaram com muitos ratos, tanques e outras figuras (MANCO, 2007, p.9). Em 1983, Blék segue sozinho em seu projeto, porém em 1984 outras pessoas começam a pintar stencils nos muros de Paris. Blek descreve sua visão sobre as outras pessoas:

Foi um novo tipo de linguagem e um novo diálogo entre nós. Agora eu tinha uma das principais razões para trabalhar no espaço urbano. Eu tinha uma presença de milhares de pessoas que eu não sabia quem eram e que nunca se encontravam, e ainda assim eu tive um sentimento firme dos mesmos, onde eu podia falar com eles fora do isolamento do anonimato que envolvimento urbana havia proporcionado. (BLEK apud MANCO, 2007, p. 9).

Blek não permaneceu apenas em Paris, sua arte se difundiu pelo restante da Europa e Estados Unidos. Em Nova York os stencils de Blek juntaram-se com os graffiti e a cultura *hip-hop*, cultura de rua. Com esse acontecimento, o stencil em fusão com o graffiti, passa por uma explosão cultural e urbana. Capitais agora são pintadas e marcadas com a arte urbana do stencil e graffiti, sendo noticiadas em jornais e televisão.

⁴ Moldes para aplicação do stencil.

Figura 6 – Máscara e Stencil



(Fonte: <http://gapersblock.com/ac/2009/11/11/making-stencils-draft/>).

4 PROTESTOS + ARTISTAS = STENCIL

4.1 Banksy

Ninguém o conhece ou sabe de seu paradeiro, porém Tristan Manco relata um breve histórico da vida de Banksy em seu livro, *Stencil Graffiti*.

No ano de 1974 nasce em Bristol, Inglaterra, o homem cujo nome subversivo é Banksy. Filho de um engenheiro de máquinas que produzem fotocópias, Banksy seguia no ramo de cortes de carne como açougueiro. No entanto com o sucesso do aerosol no final da década de 80, Banksy experimentou seus primeiros passos com a arte urbana denominada graffiti.

Com o domínio do desenho, Banksy começa a atuar na área das artes impressas e arte urbana. Um dos seus primeiros trabalhos foi produzir panfletos para uma banda da época. Banksy afirma que no começo, inspirado pelo hip-hop, ele grafitava no estilo clássico, *freehand*⁵, porém nunca foi bom com esse estilo. Banksy relata que quando montou seu primeiro stencil sentia o poder da imagem em suas mãos (BANKSY s/d apud MANCO, 2007, p.76).

Aperfeiçoando seu trabalho, criando identidade e estilo, Banksy pintava pontes, carros, túneis, paredes. Intervindo pela cidade, o artista foi ganhando espaço no meio das ruas.

O graffiti chama atenção por suas cores, traços e realismo. Banksy ganhou notoriedade com imagens fortes que traziam algo mais para a sociedade: a conscientização e o protesto. Banksy comenta o porquê do seu gosto por temas políticos: “Eu gosto da postura política. O graffiti é do *guetto* e também tem relação com o protesto, mas o stencil tem uma história extra. Ele foi usado para iniciar e parar guerras e revoluções. Só de olhar para o stencil você o relaciona com o estilo político. Até mesmo uma imagem de um coelho tocando piano parece forte quando você o pinta através do stencil.” (BANKSY s/d apud MANCO, 2007, p.76).

Na década de 90, Banksy já havia produzido trabalhos de intervenção urbana de Londres a New York. Um dos momentos históricos e relevantes de sua carreira foi a parceria com o grupo de ativistas do movimento Zapata do México no

⁵ Graffitis desenvolvidos a mão livre.

ano de 2001. Em união com os ativistas o artista pintou murais que transpareciam a luta e a resistência dos Zapatistas. Os murais foram pintados na cidade de San Cristóbal e La Casas (MANCO, 2007, p. 77).

Segundo Manco, Banksy acredita que muitas pessoas olham os artistas urbanos como pessoas tristes e frustradas por falta de atenção e reconhecimento da sociedade. Mas não é bem isso, o próprio artista defende a arte urbana com a seguinte frase: “pintura nas ruas significa tornar-se uma parte real da cidade” (BANKSY s/d apud MANCO, 2007, p.78).

Em 2011 Banksy participou de um documentário onde ele expõe uma parte muito pequena de sua vida, porém para nós espectadores, o essencial para que pudéssemos chegar mais perto do artista. O documentário é sobre Arte Urbana, onde o cineasta e artista Thierry Guetta entrevista e acompanha artistas que trabalham com intervenção urbana. O cineasta, na medida em que vai conhecendo os artistas, vai preenchendo como se fosse um álbum de figurinhas. Ganhando notoriedade e sendo conhecido entre os artistas urbanos, Banksy procura o cineasta Thierry Guetta para fazer algumas filmagens em Los Angeles, EUA. Banksy não conhecia a cidade, já o cineasta conhecia cada muro importante e estratégico para ser pintado.

Banksy aparece nas filmagens e no set de gravação encapuzado e com a voz distorcida para não ser reconhecido. Através do documentário pode-se conhecer um pouco mais sobre sua vida e sobre sua arte atual, que vai do stencil até instalações. Em uma cena do documentário o artista e o cineasta entram na Disney World, Flórida. Após a sua entrada no parque, Banksy acompanhado do cineasta entram com uma réplica de um afegão que foi torturado por soldados americanos. A réplica é uma espécie de boneco inflável encapuzado e com um macacão na cor laranja, semelhante ao vídeo que ganhou notoriedade nos Estados Unidos e no mundo todo. A procura do melhor lugar para colocarem o boneco, os dois encontram um jardim destinado a fotos dos visitantes do parque, e penduram o boneco em uma grade. Subversivo, porém muito protestante, dentro de um mundo de fantasia ele trouxe algo real⁶.

Se não é o artista que possui as obras mais cobiçadas atualmente, Banksy é o mais irreverente. Há pouco tempo, segundo o portal de notícias Terra

⁶ Dados extraídos do documentário “Exit through the gift shop”, 2010. Dirigido por Banksy,

(2006), Banksy sabotou os cd's de lançamento da cantora Paris Hilton. Banksy entrou em uma loja de cd's da Inglaterra e trocou cerca de 500 cd's originais pelos seus já alterados. Os cds alterados continham a cantora com os seios a mostra, o encarte do cd totalmente alterado e o cd com músicas de um autor que assina como DM.

Sendo Banksy o artista que é, ligado ao stencil e instalações, jamais mostrou seu rosto para a mídia. “No auge da pop art, Andy Warhol avisou que o futuro reservava quinze minutos de fama para cada aspirante a celebridade. E bastou o século XXI entrar no ar para a frase desfilarmos com cara de profecia-chavão.” (FAVALLE, 2010, p. 5). Porém o sucesso não é o mais importante para algumas pessoas. A quem prefira viver nos bastidores a viver a luz dos holofotes.

Pessoas como Banksy assim proliferam sua arte e não se expõem a mídia. Seguindo na contramão do sistema, Banksy é um artista contemporâneo e também uma celebridade anônima.

Sem pedir licença, o “célebre anônimo” prefere enfatizar a sua obra por vias não autorizadas, assim como tantos grafiteiros desfavoráveis aos cifrões atrelados à boa aceitação do mercado. Este, por sinal, é um ato de ordem justamente contra a massificação da arte urbana. (FAVALLE, 2010, p.5).

Figura 7 – Banksy Stencil: Palestina



Fonte: <http://artcesarsalad.blogspot.com/2008/03/banksy-prison-wall-art.html>

Figura 8 – Banksy em Glastobury



Fonte: <http://bristolgraffiti.wordpress.com/2008/03/26/banksy-and-graf-in-glastonbury/>

Figura 9 – Banksy Palestina



Fonte: <http://contraponto.posterous.com/para-refletir>

Figura 10 – Instalação de Banksy na Disney World



Fonte: <http://www.chimpomatic.com/contents/6959/read/>

4.2 Sherpaid Fairey

Através do documentário sobre arte urbana *Exit through the gift shop*, dirigido por Banksy e com imagens do francês Thierry Guetta e o artigo *O artista que ajudou a eleger Obama*, escrito por Fernando Eichenberg, registrarei nessa pesquisa a história do artista de rua Frank Shepard Fairey.

Frank Shepard Fairey (1970) é um cidadão americano natural de Charleston, Carolina do sul. A vida de Shepard é como a vida de muitos americanos nascidos na década de 70, em sua adolescência, anos 80, conheceu o skate e foi influenciado pela cultura punk e suas vertentes. A fórmula para formar o artista, que hoje influenciou o EUA foi o punk, skate e *street art*.

Desprovido de dinheiro, Shepard trabalhava em uma loja de skate na cidade de Providence e fazia trabalhos extras, fazendo réplicas de camisetas e adesivos de marcas e bandas da época. A justificativa para seus trabalhos era a mensalidade dos seus estudos na escola Rhode Island of Design, escola de design e arte.

Em 1989, Shepard folheando um jornal achou uma imagem do lutador francês André The Giant (1946-1993). Com o retrato do lutador o artista criou um adesivo que levava a frase "*André has a posse*", que significa, "André tem uma gangue". Logo após criar seu novo desenho, Shepard o espalhou por toda cidade. Interagindo com outros artistas de rua o artista começou a aparecer na imprensa. O adesivo contendo a imagem do lutador André evoluiu para cartazes e stencils, contendo agora a palavra "obey", que inglês significa obedeça.

As obras de Shepard têm influência da arte chinesa, propaganda política, Pop Art, Andy Warhol e Banksy. O que é mais chamativo em Shepard e sua obra é que, diferente dos artistas que protestavam, sua obra carregava apenas a imagem e a palavra utilizada. A obra de Shepard estava massificada pela Carolina do Sul inteira, gerando curiosidade e irritação da população local. Em uma das cenas do filme de Thierry Guetta, Fairey diz:

Quando penso no homem da foto André, The Giant, eu gosto de saber que é uma brincadeira que eu fiz, e saber que milhares deles estão espalhados é ótimo. É instigante saber que as pessoas se perguntam quem é o homem da foto ou até o que é aquilo lá? (SHEPARD s/d apud EICHENBERG, 2010)

A obra de Shepard foi considerada como “experiência da fenomenologia”, uma teoria do alemão Martin Heidegger (1889-1976) que diz “A fenomenologia visa antes de tudo a despertar o sentido do questionamento sobre o que nos rodeia” (HEIDEGGER apud s/d. EICHENBERG, 2010). Eichenberg fala em seu texto que “Os pôsteres Obey tentam estimular a curiosidade e levar as pessoas a questionar ao mesmo tempo o cartaz e a relação que tem com o seu entorno” (EICHENBERG, 2010).

Após criar a marca registrada *Obey Giant Art Inc.*, Shepard continuou seus trabalhos espalhando cartazes e fazendo o que sabe de melhor, propagar sua arte. Segundo o documentário onde Shepard foi filmado, o artista foi o mais prolífero do ano 2000. Em 2008, em pleno ano de campanha política, Shepard criou um cartaz do candidato à presidência dos Estados Unidos, Barak Obama. Com uma imagem que faz referencia a de Che Guevara com olhar para o horizonte, o cartaz trazia o democrata Obama nas três cores, vermelho, azul e branco. Junto com a fama do candidato Barak Obama, crescia popularidade de Shepard. Com apenas 350 cartazes impressos com o rosto de Obama e palavra logo abaixo “*progress*” (progresso), os cartazes se esgotaram em minutos. Com o sucesso de seus cartazes o próprio presidente Barak Obama lhe escreveu uma carta com o seguinte texto:

As mensagens políticas implicadas no seu trabalho têm encorajado os americanos a acreditar que podem contribuir para mudar o *status quo*. As suas imagens têm um profundo efeito sobre as pessoas, sejam vistas numa galeria ou num semáforo. Tenho o privilégio de fazer parte do seu trabalho artístico e estou orgulhoso de ter o seu apoio. (OBAMA apud. s/d. EICHENBERG, 2010)

Atualmente Shepard está casado e têm duas filhas, reside em Los Angeles. Conhecido pelo mundo inteiro, Fairey seguiu o mesmo rumo de outros artistas de rua que ganharam fama, trocando as ruas por galerias de arte e museus. É raro encontrar uma intervenção nova de Shepard, pois a maioria de suas obras e criações foram vendidas, com valor entre R\$80 e R\$85 mil. Suas obras e coleções hoje compõem os museus *Victoria & Albert Museum* de Londres, *New Museum of Design* de Nova York, *San Diego Museum of Contemporary Art* e *Museum of Modern Art* de São Diego.

Empresarialmente, Shepard foi empreendedor e fundou a agência de design *Studio Number One*. Fairey não parou de investir e criou uma grife de roupas chamada *Obey* e uma revista de cultura pop chamada *Swidle*. Por ter uma ligação muito forte com a arte, Shepard criou a galeria de arte *Subliminal Projects*. O artista ainda é muito requisitado por ter um traço marcante, sendo convidado para ilustrar capas de cd's, livros, cartazes de filmes e dirigir propagandas publicitárias.

Acusado de artista comercial por seus antigos parceiros, os artistas de rua, Shepard publicou uma nota defendendo sua visão e intitulando-se um Robin Hood dos artistas urbanos:

Fazer parte do mundo da arte comercial e compreendê-la é, de certa maneira, como uma infiltração. Porque sempre senti que grande parte do meu trabalho era uma reação à propaganda e uma forma de compreender como a propaganda funciona. Arte e comércio necessitam um do outro. As pessoas falam dessas coisas de um modo preto no branco. (Shepard, apud s/d. EICHENBERG, 2010)

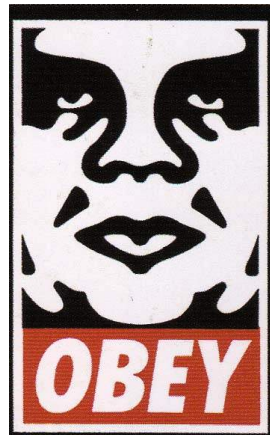
Conhecendo a arte de Shepard, pode-se ver que ele não se tornou um artista somente com o seu reconhecimento por meio do seu cartaz que fez menção à propaganda do democrata Obama. O documentário sobre arte urbana "*Exit through the gift shop*" (2010), mostra uma caminhada de Thierry Guetta, cinegrafista, junto com Shepard em busca de novas paredes para deixar sua marca e propagar sua arte. Após a análise do documentário podemos ver que a propagação do artista com a política de Obama foi apenas um reconhecimento de um longo tempo de trabalho.

Figura 11 – Recorte de André The Giant do jornal



Fonte: <http://jjlouis.tumblr.com/post/2499540043/obey-shepard-fairy>

Figura 12 – Cartaz Obey



Fonte: <http://jjlouis.tumblr.com/post/2499540043/obey-shepard-fairy>

Figura 13 – Fairey Shepard com o cartaz de Obama



Fonte: <http://www.image-search-engine.com/shepard-fairey-obama.html>

4.3 Oaxaca, Protesto e Graffiti

O México possui 31 estados, sendo que o quinto maior chama-se Oaxaca. Um estado que possui um povo unido e quando se sentem ameaçados e tornam-se um grito de protesto e reivindicação.

Assim como o mundo sofreu com as guerras do século XX, o México também não ficou fora delas. Em 1917, com a promulgação da Constituição Mexicana, o sistema político começou a conhecer o Partido Revolucionário Institucional – PRI. O partido pertencia aos ideais nacionalista-socialista seguindo uma linha de economia mista.

Durante sete décadas do século XX o México foi crescendo com cenas e momentos um tanto quanto desprezíveis. Nos Estados Unidos houve uma humilhação perante a raça negra. Os negros podiam ocupar apenas os lugares na parte de trás dos ônibus, não podiam freqüentar restaurantes, além de sofrerem com outras formas de preconceito. No México, o governo tratava com o mesmo desrespeito trabalhadores e camponeses.

O povo trabalhador sentindo-se humilhado foi em busca de recursos para buscar seus direitos, formando então sindicatos e grupos protestantes filiados ao PRI. Uma parte desses trabalhadores que sofriam com essa desigualdade eram as professoras e os professores. Foram os mesmos que tomaram iniciativa para mudar a história. Os professores mexicanos eram diferentes dos americanos. Os americanos carregavam uma característica romântica, ou seja, um professor poeta, já os mexicanos pertenciam à classe dos trabalhadores assim como qualquer outro profissional, sendo assim, eram professores ligados ao ensino voluntário, do povo e para o povo. Um grande exemplo disso era que, um estudante de medicina deveria passar um ano prestando serviço à sociedade para depois ser licenciado para a sua prática particular.

Com essa postura mais de estar próximo do povo e fazendo parte do povo, os professores de Oaxaca formavam grupos espontâneos de trabalhadores ligados ao PRI que iam a frente de prefeituras, palácios de governadores. Com essa iniciativa o governo começou a enxergar a sociedade que era excluída de uma forma diferente. A ligação desse protesto com a arte urbana é muito forte. Os professores além de utilizar bandeiras e pichações, utilizaram a técnica do stencil para impor seus direitos. Aqui, além de arte, o stencil chega aos muros e paredes com sua função completa, desenho como protesto e conscientização.

Conhecendo uma pequena parte da história de Oaxaca, podemos também falar de alguns grupos de artistas que promoveram e promovem essa arte protestante até os dias de hoje.

4.3.1 Ana Santos

A figura da mulher em Oaxaca é muito forte, além de professoras revolucionárias, elas carregam em suas mãos a responsabilidade da mudança. Uma dessas mulheres revolucionárias é Ana Santos, nascida no ano de 1978 em São

Pedro Tututepec, no estado de Oaxaca. A jovem é estudante de Licenciatura de Comunicação na Universidade Mesoamericana onde estuda fotografia, cinema experimental, vídeo digital, história da arte, litografia, gravura e arte contemporânea.

Pode-se dizer que Ana é uma das principais artistas de stencil graffiti do país. Em 2006, suas obras foram conhecidas por seu estilo de protesto. Em seu blog Ana Santos (2010) afirma: “Meu trabalho visual é baseado em uma abordagem coerente analítica e conceitual sobre a condição humana em suas diversas manifestações”. Segundo Nevaer e Sendyk (2009, p. 76), Ana tem feito suas artes pelo México e pelos Estados Unidos, onde o tema de suas obras é o comprometimento com a causa da justiça social, uma luta contínua que começou com os professores de Oaxaca. Ana Santos trabalha com intervenção urbana na forma de graffiti utilizando a técnica de stencil nos muros de sua cidade natal, Oaxaca. Segue abaixo algumas de suas obras:

Figura 14 – Stencil de Ana Santos



Fonte: Protest Graffiti México – Oaxaca, p. 77

Figura 15 – Stencil de Ana Santos



Fonte: Protest Graffiti México – Oaxaca, p. 57

Figura 16 – Stencil de Ana Santos



Fonte: Protest Graffiti México – Oaxaca, p. 36

Figura 17 – Stencil de Ana Santos



Fonte: Protest Graffiti México – Oaxaca, p. 89

Além da intervenção com a técnica do stencil, Ana Santos também trabalha com instalações. A artista que carrega a subversão como um ponto forte de suas obras. Juntou sapatos, sandálias e botinas velhas, transformando um muro da cidade de Oaxaca que está localizado no endereço *Barda del Museo del Ferrocarril, calzada Madero* em algo que nos faz pensar e torcer o pescoço para sentirmos o que a artista quis nos mostrar. A obra que tem como título “Cruzar ES”. Ana escreveu em seu blog o que representa a obra:

Ao instalar a obra que tem por nome “Cruzar Es”, estou representando um muro de sapatos, sandálias e botas como símbolos de vestígios, restos ou vestígios de migrantes em seu desejo de atravessar a fronteira mas que morreram na tentativa. Com esta peça refiro-me a ação de cruzar, mover, migrar, correr e fugir, porém sobretudo é um altar, uma oferenda aos imigrantes mortos. (SANTOS, 2010)

Figura 18 – Instalação de Ana Santos



Fonte: <http://anasantosmejia.blogspot.com/>

4.3.2 Crew Arte Jaguar

Arte Jaguar é mais um grupo de grafiteiros do estado de Oaxaca. Segundo Nevaer e Sendik (2009, p. 74), os artistas preferem manter-se no anonimato. “Devemos trabalhar como Banksy [...] O nosso nome pode ser qualquer um, pois essa luta é de todos” (Arte Jaguar s/d apud NEVAER; SENDIK, 2009, p. 74). Arte Jaguar mantém seu anonimato porque suas obras vão contra o governo de Ulissez Ruiz do estado do Oaxaca.

Na entrevista ao site “O Corneta”⁷, o grupo relata sua trajetória, que teve início na sala de aula na escola de Belas Artes de Oaxaca México. Durante as oficinas gráficas, os grafiteiros foram observando a técnica de cada um e foram aproximando-se para estudar a fundo a história do graffiti como forma de protesto. Após formarem o grupo, os participantes estavam focados em uma caminhada constante com a arte, fazendo estudos políticos pela história do país.

Após definir quais ideais iriam defender, os jovens resolveram então criar um nome para poder assinar suas obras e intervenções. Utilizando um dos símbolos do calendário Maya, o animal jaguar, os integrantes resolveram denominar o grupo como *Arte Jaguar*. O símbolo faz referência aos integrantes do grupo, que, assim como o Jaguar, se saem somente na noite.

Assim como Ana Santos, o Arte Jaguar também carrega a tradição mexicana da luta por justiça social. Os trabalhos dos artistas são de imagens de violência contra os cidadãos, onde as mesmas são acompanhadas de frases políticas (NEVAER; SENDIK, 2009). A revolta contra o governo resultou em

⁷ (Disponível em <http://www.corneta.org/no_101/arte_jaguar_graffiti_estencil_en_oaxaca.html> acessado em 11 de maio 2011),

inúmeros graffitis reivindicando ao governador Ulissez Ruiz, sendo conhecidos em todo o México por sua revolta contra o poder autoritário.

O grupo faz graffiti para que haja igualdade entre os povos, acreditando que seu trabalho depende de um coletivo, ou seja, o grafiteiro não pinta para si mesmo, nem defende apenas seus próprios ideais, mas grafita para a sociedade e a idéia de um grupo onde todos defendem uma mesma idéia.

Figura 19 – Stencils do Grupo Art Jaguar



Fonte: Potest Graffiti México – Oaxaca, p. 48-69-75

Figura 20 – Stencil do grupo Art Jaguar



Fonte: http://www.corneta.org/no_101/arte_jaguar_graffiti_estencil_en_oaxaca.html

5 CIDADE E O HOMEM CONTEMPORÂNEO

5.1 Cidade

“No momento em que o homem deixa de ser nômade, fixando-se no solo como agricultor, é dado o primeiro passo para a formação das cidades” (CARLOS, 2003, p.58).

O homem habitava a terra em bandos, quando passou a cultivar a terra a utilizá-la como subsistência e sentiu a necessidade de fixar-se construindo casas, neste momento deu-se início ao primeiro estágio para que seu bando se tornasse um primeiro modelo de cidade. Havia muito trabalho a fazer, pois a terra necessitava de muitos cuidados. Houve então a divisão de trabalho, que além de dividir as pessoas por grupos hierárquicos.

Quando a terra, local de cultivo, começou a ter valor no sentido de riqueza, a sociedade encontrou-se no momento histórico chamado feudalismo.

A propriedade da terra fica dividida entre a nobreza, a igreja e algumas outras ordens religiosas. Em situação contrária se encontravam os lavradores. Classe constituída pelos não-proprietários de terras, vinculam-se a elas como serviços, não podendo deixá-las por sua livre vontade. Cultivam uma certa porção de terra que lhes é atribuída pela nobreza em troca de trabalho e ficam obrigados a entregar ao proprietário, a título de renda, uma parte de sua produção. (Carlos, 2003, p. 58).

No momento feudal, os feudos tinham apenas o comércio interno, ou seja, só se podia comercializar o que era produzido dentro de suas localidades. Quando o comércio sofre uma expansão e passa a ter contato fora dos feudos, a cidade começa a tomar forma. Segundo Carlos é fundamental para a cidade uma vida com relações comerciais não só internas, mas também externas (2003, p. 63).

Entendendo que a cidade é fruto de uma realização humana que foi amadurecendo e evoluindo, passando de uma extensão de terra para tornar-se feudo, e de feudos para vilas, o homem forma a cidade somente quando a mesma pode contar com uma organização política, que é a estrutura do poder da sociedade, classes sociais e repartição das atividades econômicas (CARLOS, 2003, p. 57).

A definição de cidade encontrada no Minidicionário da Língua Portuguesa (1997), indica que “cidade é a povoação de categoria superior à de vila; sede de

município”. Já para Friedrich Ratzel (apud CARLOS, 2003, p. 67-68), “cidade é uma reunião durável de homens e habitações que cobre uma grande superfície e se encontra no cruzamento de grandes vias comerciais”.

A cidade evoluiu e hoje nos deparamos com indústrias, avenidas, carros, aeroportos, uma rotina de milhares de pessoas que compõem o que conhecemos por cidade. Com a evolução crescente, as cidades não possuem somente a agricultura. Com o passar dos anos outros meios de subsistência surgiram com o desenvolvimento, gerando assim diversos tipos de empregos.

“...a cidade é, antes de mais nada, trabalho objetivado, materializado, que aparece através da relação entre o construído (casas, ruas, avenidas, estradas, edificações, praças) e o “não construído” (o natural) de um lado, o movimento de outro, no que se refere ao deslocamento de homens e mercadorias.” (CARLOS, 2003, p. 50).

É nas cidades onde encontramos diversos tipos de comunicação. Há vários povos e muitas culturas. Cada cidade tem sua identidade que foi idealizada por quem a construiu e colonizou. Assim como as pessoas, a cidade também tem seu meio de comunicação. Sua arquitetura, o paisagismo, a cultura, os habitantes, tudo o que compõe a superfície da cidade, transmite informação.

Toda multiplicidade da cidade em sua superfície traz a tona possibilidades de trocas, produção de conhecimento e geração de vínculos – temporários ou duradouros. Todas essas opções conjugadas produzem relações, tensões, geram afinidades e embates através de um processo comunicativo em que as superfícies são interfaces e agentes da comunicação. Produzir capacidade relacional, portanto, é a vocação própria das superfícies urbanas. (RIBEIRO, 2010, p. 22).

Com a rotina de vida que a cidade nos proporcionou, hoje somos uma sociedade que corre contra o tempo e contra os compromissos que possuímos. Se hoje possuímos um nível de vida acelerado é devido à globalização e ao modelo de cidade no qual vivemos.

5.2 Homem contemporâneo

O homem contemporâneo é fruto da cidade contemporânea. Sansot afirma que “é a cidade que cria o homem, ou ao menos o modifica, para ser ela mesma a se dizer por ele, para exercer sobre ele sua potência poética” (apud GONÇALVES, 2007, p.53). Sansot diz que somos reflexo da cidade, já Carlos faz

uma relação sociedade x cidade, afirmando que: “A cidade enquanto produto histórico e social tem relações com a sociedade em seu conjunto, com seus elementos constitutivos, e com sua história. Portanto, ela vai se transformando à medida que a sociedade como um todo se modifica.” (2003, p. 68). Os pensamentos dos dois autores confirmam que, tanto o homem como a cidade, dependem um do outro para desenvolver-se.

O modelo de vida que assumimos está diretamente ligado ao meio onde vivemos. O homem está inserido no cotidiano, que segundo Heller: “A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico” (2004, p. 17). A partir do momento em que possuímos uma relação com a sociedade, possuímos então uma vida cotidiana. O cotidiano da maioria dos homens contemporâneos é composto por família, trabalho, estudos, comércio e lazer. Todos esses aspectos são divididos com o fator tempo, que para nós contemporâneos, é nosso inimigo. A pressa é a característica do Século XXI. O homem apressado e com muitos compromissos é o protagonista da sociedade contemporânea.

A pressa que o homem atual possui é fruto de uma alienação. O dinheiro, para nós contemporâneos, é essencial para um sinônimo de vida estável, uma vida sem preocupações. O que nos traz esse benefício é o nosso trabalho, que nos gera renda e condições possíveis para mantermos nosso estilo de vida. Karl Marx (1818-1883) identificou características deste homem contemporâneo, onde o homem é alienado pelo trabalho e o dinheiro. Marx afirma que quanto mais o homem trabalha, mais ele se vê dominado pelo mundo dos objetos que o seu trabalho pode comprar. (apud SWINGWOOD, 1978, p.110). Marx ainda afirma que:

O Trabalhador põe sua vida no objeto, e sua vida então não pertence mais a si mesmo, mas ao objeto. Quanto maior sua atividade, menos ele possui. O que está incorporado no produto do seu trabalho não é mais dele. Quanto maior é esse produto, mais é diminuído do trabalhador. (apud SWINGWOOD, 1978, p.110).

O homem que convive com o cotidiano, de modo que corre contra o tempo, trabalha, não por suas necessidades, mas sim motivado pelos objetos de desejos conforme Marx afirma, de fato é o homem contemporâneo.

A sociedade que caminha cada vez mais para uma rotina diária de muitos compromissos em tão pouco tempo, vive a beira do individualismo. Preocupar-se

apenas consigo mesmo é mais uma das características do homem contemporâneo. Segundo Heller (2004, p. 20), “A dinâmica básica da particularidade individual humana é a satisfação dessas necessidades do ‘Eu’”.

O homem contemporâneo traz em sua mente, desde criança, que precisa ser bem sucedido. É uma meta a alcançar e saciar a necessidade do eu. Entendermos esse ponto como um objetivo é sadio e viável para nosso desenvolvimento. Uma péssima qualidade do homem atual, que se desenvolve pela preocupação apenas com ele mesmo é o “narcisismo”, que de acordo com Bueno (1997, p. 448) é a “Qualidade dos que se acham o máximo: os lindos, os mais inteligentes; estado em que a libido é digerida ao próprio ego”. Já o ego é a “personalidade de cada indivíduo” (BUENO, 1997, p. 226).

O narcisismo pode ser encarado como uma condição psicológica ou cultural. Atuante no psicológico humano, a qualidade indica ser uma perturbação da personalidade, onde o indivíduo tem uma preocupação exagerada com sua própria imagem e o modo que se apresenta. A preocupação com a estética e a imagem para o narcisista é tão relevante, que os sentimentos passam despercebidos. (LOWEN, 1983, p.9). Lowen destaca ainda, algumas características do indivíduo narcisista:

São egoístas, concentrados em seus próprios interesses, mas carentes dos verdadeiros valores do *self* – notadamente, auto-expressão, serenidade, dignidade e integridade. Aos narcisistas falta um sentimento do *self* derivado de sensações corporais. Sem um sólido sentimento do *self*, vivem a vida como algo vazio e destruído de significado. É um estado de desolação. (LOWEN, 1983, p.9).

Sabendo que somos alvos da valorização da imagem por influência do meio onde vivemos, nós homens contemporâneos, devemos mantermo-nos em estado de alerta perante a qualquer indício de atitudes nossas que façam menção a atos narcisistas. Não somente a busca pela imagem pode nos trazer malefícios, mas também a procura de uma forma exagerada pela riqueza e fortunas.

“Acreditamos que a aparência é importante e, com freqüência, damo-nos ao trabalho de selecionar minuciosamente aquilo que nos possa proporcionar a aparência mais favorável”. (LOWEN, 1983, p.33). É natural preocuparmo-nos com aparência de um modo geral, porém, quando em excesso torna-se um dos primeiros aspectos de atos narcisistas.

Mas não nos preocupamos todos nós com a nossa imagem e não investimos uma boa dose de energia, tentando melhorá-la? Muitas pessoas consomem considerável tempo e dinheiro selecionando roupas que criam a espécie de imagem que desejam projetar. (LOWEN, 1983, p.33)

Somos cidadãos inseridos no cotidiano contemporâneo, porém isso não quer dizer que todos nós somos narcisistas, mas, a convivência com esse meio pode trazer riscos à nossa personalidade. A mídia atual nos faz enxergar que um carro zero é sinônimo de sucesso e um produto caro é a realização total de uma vida. A partir daí podemos enxergar que a imagem passa a ter mais valor do que sentimentos, pessoas, meio ambiente e valores humanos.

6 PRODUÇÃO ARTÍSTICA – “A MALDIÇÃO DA CÉDULA”

Para montar desenhos na forma de stencil, é preciso um conceito a ser trabalhado, imagens relacionadas, transferi-las para o papel ou filme e por fim as máscaras finalizadas por método de recorte.

Defini a criação de três desenhos utilizando a técnica do stencil, similar a do artista Banksy. A partir do estudo registrado no capítulo cinco sobre o homem contemporâneo narcisista e sua relação com a cidade, decidi trabalhar com o conceito de conscientização sobre o materialismo e consumismo descontrolado.

6.1 Processo de criação

6.1.1 Problema

Como representar com imagens os malefícios que o dinheiro pode nos trazer se utilizado de forma inadequada? Como elaborar desenhos de fácil percepção?

Decidi então trabalhar com imagens no sentido figurado, onde o personagem principal seria o próprio homem, sendo assim os stencils além de objetivos tornar-se-iam didáticos.

Outro problema seria que título caberia a minha obra? No ano de 2008 Fiz o download de uma música de um grupo de rap carioca intitulado “Associação Manuscritos de Poesia”, onde a música se chama “Minha alma”. Quando comecei a desenhar meus stencils sempre estava ao som da música do grupo de rap carioca, onde um trecho me chamou a atenção: “A minha alma vale mais do que herança de ancestrais, a maldição das cédulas”. (MANUSCRITOS, 2006, Música).

Entendendo que a música era similar ao problema do meu projeto, resolvi intitular a minha obra como “A Maldição da Cédula”. Após finalizar algumas pinturas procurei o contato do respectivo grupo de rap e enviei meus stencils informando que suas músicas fora fonte de inspiração para o meu projeto. Semanas depois trocamos alguns e-mails e hoje, eu e o grupo de rap AMP, mantemos amizade e relação artística.

6.1.2 Coleta de dados e obras referências

Analisando a música “Minha alma”, os stencils de Banksy, os *graffitis* dos “Gêmeos”, Ana Santos e Art Jaguar⁸, pude retirar alguns pontos chaves para a criação dos desenhos.

O grupo de rap AMP traz em sua música grandes conselhos para o desapego material. Embasados no evangelho de Jesus Cristo que pregava o reino dos céus, os jovens cariocas carregam em suas músicas mensagens que valorizam a alma e o desprendimento dos objetos supérfluos. O trecho que me ajudou para a composição dos desenhos foi a segunda estrofe da canção “Minha alma”:

[...] a minha alma são 10 salmos, a valiosa moeda de troca utilizada para sermos salvos. Somos alvos da ganância de quem um dia ousou cobiçar o trono do meu Senhor, meu dono, e o ouro que somos, se cremos nos termos da bíblia. De forma quase que anfíbia, humanidade segue oscilando entre a matéria e o espírito, fé contra o capitalismo. Não há como obter dois mundos antagônicos, não há como servir a Jeová tendo a avareza dos demônios, presos a carne por anseios faraônicos. Valores se inverteram, perverteram a palavra e seu enfoque, ter o toque como o do rei Midas, não é bem a prioridade descrita em Mateus 6:20, não que viver com requinte seja pecado, mas buscai primeiro a Deus, sua justiça e seu reinado. Pai bem sabe o que precisa, acrescenta as demais coisas as suas vidas. Vida em abundância é aquela que nunca termina. Muita grana grande sina, o camelo tentando passar pelo furo da agulha mais fina [...] A pestilência da cobiça mata, prende o proprietário e seus bens. Enquanto procuro um tesouro que aqui na terra não tenho, o reino do bem é a grande pérola, longe dos idólatras, dólar e outras cédulas. (MANUSCRITOS, 2006, Música).

Banksy, como citei no capítulo 4, preocupado com a sociedade cria stencils de protesto e conscientização. Apesar de ser apreciador de suas obras e gostar de todas elas, a que mais chama a minha atenção e vai de acordo com meu conceito do desprendimento material, é a de Cristo, crucificado e com sacolas de presentes em suas duas mãos. Não por simbolizar algo cristão, mas sim por inversão de valores. Se é comemorado no natal o nascimento do ícone central do cristianismo que pregou boas ações, mansidão e paz, porque nós revertemos isso ao mercado com compras de presentes e tudo que é material?

⁸ Explanados no capítulo 4.

A resposta que consigo achar para tal ação é que, a matéria você pode tocar, já desejar a paz, harmonia, saúde e sucesso é algo relacionado a sentimentos e ações intangíveis, de modo que dá valor a tudo aquilo que há troca monetária. O desenho de Banksy logo abaixo representa a questão relacionada no parágrafo acima, porém em forma de stencil.

Figura 21 – Banksy e o Cristo do comércio



Fonte: http://theformofmoney.blogharbor.com/blog/_archives/2006/12/5/2551359.html

Os Gêmeos trazem em suas obras, não de stencil mas sim de *graffiti* no estilo *freehand*, o conceito de um brasileiro de muitas culturas. Com cores fortes, homem baixa estatura, amarelo e de cabeça chata, eles compõem seus graffiti pelo Brasil e pelo mundo.

A imagem abaixo traz uma pessoa com dois relógios de ouro, muito semelhantes aos mais caros da marcas de luxo. O indivíduo representado na imagem traz um sinal de ganância, sendo que os mesmos estão atrelados a uma corrente de ouro. Abstraindo a imagem, podemos perceber que o homem está algemado, não por descumprir a lei, mas sim algemado ao dinheiro, preso aos anseios materiais.

Figura 22 – Graffiti dos irmãos “Os gêmeos”



Fonte: Acervo do artista

6.1.3 Desenvolvimento da Obra

O primeiro estágio já estava definido, o conceito. A partir do momento que se tem o conceito eu deveria definir que imagens eu iria trabalhar. Num primeiro momento pensei em trabalhar com:

- Uma noiva casando com uma pilha de cédulas de dinheiro;
- Um homem vomitando dinheiro;
- Um homem em forma de marionete controlado pelo cifrão;
- Um homem engravatado correndo com um saco de dinheiro.

Os quatro desenhos foram desenvolvidos, porém eu defini transformar em stencil apenas três.

O terceiro passo é passar o desenho para uma chapa de papelão, filme ou fotolito. Através da impressão pode-se montar um quebra-cabeça e ir montando o stencil desenhado.

Figura 23 – Impressão e montagem para recorte



Fonte: Acervo do artista

O recorte segue após a montagem do desenho sobre o papelão e fotolito, moldes que escolhi utilizar.

Figura 24 – Recorte do desenho sobre o molde escolhido



Fonte: Acervo do artista

Figura 25 – Máscaras recortadas



Fonte: Acervo do artista

O quarto passo é escolher uma superfície e realizar todo processo de aplicação.

Figura 26 – A Maldição da cédula



Fonte: Acervo do artista

6.1.4 Stencil Aplicado

Figura 27 – A Maldição da cédula - Ganância



Fonte: Acervo do artista

Quando montei o stencil intitulado como ganância, desejava transmitir a expressão popular: “Quanto mais se tem, mais se quer”. Analisando a imagem podemos perceber que o homem que carrega o saco de dinheiro está correndo e com um olhar para a parte inferior a seu corpo, transmitindo uma ação de fuga. Não foi por estética que desenhei o homem vestido com terno e gravata. Escolhi este tipo de roupa porque acredito que a maioria das pessoas que utilizam essa vestimenta possui um nível de vida financeira razoável, no entanto, querer mais do que se tem da forma mais fácil é de fato ganância.

Quando defini o desenho, o local mais apropriado para aplicá-lo seria ao lado de um banco, uma instituição financeira. Após o local escolhido agora me restava apenas a coragem para aplicar o stencil, pois iria aplicá-lo sem autorização e deveria ser a noite. Não foi possível aplicá-lo ao lado do banco, pois o mesmo era vigiado por um guarda noturno.

Meus planos mudaram, o conceito continuou sendo o mesmo e decidi então fazer tudo corretamente e durante o dia sem me esconder de ninguém. Apliquei o stencil sob o compensado que veta a entrada do mercado Angeloni que pegou fogo, situado na Rua Filipe Schimidt, bairro Centro na cidade de Criciúma - SC. No domingo do dia 1º de maio o primeiro stencil da série “A Maldição da Cédula” foi aplicado.

Figura 28 – A maldição da cédula – tudo que é demais enjoa



Fonte: Acervo do artista

Logo que escolhi o conceito que iria trabalhar, um homem vomitando dinheiro foi a primeira idéia que me veio a mente. A idéia não foi um estalo que veio como um milagre, antes de imaginar o desenho me perguntei algumas coisas como: Qual seria a reação de mudar a imagem de algo que tem valor e transformá-lo em algo repugnante como o vômito? Será que vomitar dinheiro, seria visto pela sociedade como um distúrbio ou uma dádiva como a do rei Midas? Pode alguém enjoar de algo que tem muito esmero?

Com tantas perguntas que me fiz, decidi então tirar da imaginação e desenhar o homem vomitando dinheiro. Num primeiro momento procurei imagens de pessoas vomitando para me inspirar, porém não foi nada agradável. Olhando para meu colega de trabalho, Guilherme Colossi, eu o convidei para ser modelo da minha obra. Acadêmico do curso de Design Gráfico - SATC, Guilherme aceitou e então encenamos alguém vomitando e logo fotografamos.

A partir da fotografia pude montar o stencil. Quando o mesmo estava sendo aplicado gerou muitas perguntas por quem passava pelo local. Para a minha surpresa as perguntas geradas eram consonantes às minhas citadas no parágrafo acima. Algumas pessoas diziam: “então moço, imagine se eu vomitasse dinheiro?”.

“Desse mal jamais iria querer me curar”. “Nossa, será que ele tinha tanto que chegou a enjoar?”. “É dinheiro que ele está vomitando, será que eu um dia não vou conseguir fazer essa proeza?”. Fiquei surpreso, porém estava satisfeito, pois meu stencil além de causar curiosidade os fazia raciocinar e sentir o que eu queria transmitir.

Figura 29 – A maldição da cédula – Quem controla sua vida?



Fonte: Acervo do artista

Nós somos racionais e podemos fazer escolhas sobre nossa vida, no entanto há pessoas que se deixam controlar pelo dinheiro. Compulsivas por comprar e preocupadas com a imagem, são controladas como o homem apresentado no stencil acima. Na forma figurada, é como uma marionete, porém quem o controla é o dinheiro, tornando-o um ser inanimado, sem decisões ou escolhas, uma pessoa induzida.

Os dois stencils das figuras 28 e 29 foram aplicados no corredor que pertence à biblioteca da UNESCO. Com a ajuda da acadêmica Gabriela Baesso Nola do curso de Artes Visuais Bacharelado e a Prof. Ma. Amalhene Baesso Reddig que pertence ao Arte na Escola, consegui um termo assinado por todos os responsáveis devidos para ter total liberdade para aplicar meu stencil no campus. O local

disponibilizado não poderia ser melhor, em frente à biblioteca e no corredor que dá acesso aos blocos XXI A, B e C. Realizadas no sábado do dia 14 de maio, as duas artes chamam a atenção até hoje de quem passa pelo local.

6.2 Análise de dados: O que diz a sociedade?

Tendo como problema: *“Como a intervenção urbana, por meio do graffiti, pode influenciar o homem contemporâneo em seu modo de vida e comportamento?”*, após as obras finalizadas o próximo passo seria entrevistar pessoas para análise de dados. Com as obras finalizadas no campus da UNESCO e no centro da cidade de Criciúma, realizei abordagens filmando a opinião da sociedade quando a mesma se coloca como expectadora.

“É por isso que, quando o artista dá por terminado a sua obra, ele sente necessidade de experimentar também, diante da obra acabada, as emoções do público”. (COSTA, 2006, p. 132).

O público entrevistado tem idade variada de 15 aos 60 anos. Pessoas de várias classes sociais e de diferentes profissões opinaram e participaram com louvor das perguntas. Para que ocorresse de forma didática, defini três perguntas que seriam necessárias para a realização das entrevistas:

1. Você Conhece a arte do *Graffiti*?
2. Qual tipo de mensagem você consegue extrair do stencil apresentado?
3. O que a sociedade valoriza: As pessoas ou o dinheiro?

No total foram realizadas vinte e uma entrevistas, sendo que defini registrar neste capítulo apenas dez dos entrevistados.

No dia 2 de maio realizei entrevistas junto à obra “A Maldição da Cédula – Ganância” (Figura 27), onde uma das pessoas entrevistadas foi a acadêmica do curso de Artes Visuais – UNESCO, Caroline Pires, que afirma ter pouco conhecimento da arte urbana. A acadêmica segue afirmando que o stencil apresentado mostra uma pessoa feliz carregando um saco com muito dinheiro. Para Caroline, a sociedade atual valoriza o dinheiro e acaba deixando de lado alguns princípios.

Maria Júlia, 15 anos e estudante do 7º ano do Colégio Marista, não tem conhecimento algum sobre graffiti e responde a segunda pergunta com uma rapidez dizendo que o stencil é um homem roubando dinheiro. A adolescente tem a mesma

opinião da acadêmica de arte Caroline Pires, afirmando que as pessoas têm menos valor que o dinheiro.

A estudante, Naiara Bitencourt de 19 anos, não tem conhecimento algum sobre a arte do Graffiti e consegue abstrair do stencil apresentado apenas um homem qualquer com um saco de dinheiro em sua mão. Para Naiara, a sociedade valoriza as pessoas ao invés do dinheiro.

O vendedor ambulante de 59 anos, Manoel, mais conhecido como “Chapéu”, desconhece a arte do graffiti e não conseguiu entender o stencil apresentado, porém quando falou sobre a valorização das pessoas, afirma que o dinheiro fala muito mais que os valores humanos.

Dia 10 de junho, algumas semanas após realizar os stencils na UNESC, referente às figuras 28 e 29, registrei algumas entrevistas. A egressa do curso de Artes Visuais Licenciatura, Morgana, tem conhecimento da arte do graffiti e expressa com felicidade ao saber que os stencils aplicados na UNESC são de minha autoria, não pela minha pessoa, mas por eu fazer parte do mesmo curso que a entrevistada. Morgana consegue abstrair do stencil (Figura 29) a manipulação que o dinheiro traz sob o ser humano, onde o mesmo necessita do dinheiro para viver. Quando perguntei a Morgana o que ela achava que teria mais importância para a sociedade, o dinheiro ou as pessoas em si, a egressa respondeu que o dinheiro fala mais alto, mas não de uma forma generalizada, pois há pessoas que ainda conseguem avaliar sentimentos, boas atitudes e valores humanos.

Colega de Morgana, Isabel, que também é egressa de Artes Visuais Licenciatura e Bacharel, e professora do ensino público e estadual, conhecedora da arte do graffiti, Isabel associa o stencil (Figura 29) com o capitalismo que comanda vários países do mundo. A professora de artes também associou o stencil ao controle que o dinheiro trás sobre a vida do ser humano fazendo o mesmo preocupar-se apenas com sua aparência e esquecendo o mundo ao seu redor. Referente a terceira pergunta, Isabel responde da seguinte forma: *“Infelizmente a sociedade tem rotulado as pessoas pelo que elas têm, ou aparentam ter, esquecendo de valores morais”*.

Fabício, estudante bolsista da UNESC, é conhecedor do graffiti e afirma que o stencil (Figura 29) mostra apenas a realidade, somos manipulados e movidos pelo dinheiro. Quando faço a terceira pergunta que faz referência a valores, o

acadêmico responde rapidamente que se você tem dinheiro você é tudo, ou seja, se você possui uma renda considerável você é alguém de valor.

O técnico em química, Tiago, que conhece graffiti apenas através da televisão e internet. Tiago consegue abstrair do stencil aplicado (Figura 29) a sociedade debaixo de um sistema capitalista, despercebidos, porém, movidos pelo mesmo. Quando pergunto sobre a sociedade e dinheiro, o técnico em química afirma que na pirâmide da sociedade, em primeiro lugar está o dinheiro.

Rossi Farias, que além de atuar na área contábil de uma empresa, acadêmico do curso de contabilidade da UNESC, é rapper e também trabalha sobre questões de valores em suas músicas. Rossi representa a cultura hip-hop em Criciúma, onde cita em um trecho de sua música: “*Vou pra rua, atrás de momentos simplórios, sem carro, sem dinheiro, porque isso não é notório*”, conhece o graffiti desde pequeno, mas sente falta da arte em nossa cidade. O rapper Rossi afirma que como no stencil (Figura 29), o dinheiro nos transforma em marionetes nos fazendo esquecer de valores tão simples. Quando pergunto sobre valores, Rossi levanta uma questão importante, onde no mercado de trabalho uma pessoa com poder aquisitivo alto tem mais valor do que uma pessoa que não tem uma remuneração considerável.

Larrisa Moraes, acadêmica do curso de Artes Visuais Bacharel, minha colega de turma, tem conhecimento da arte urbana denominada *graffiti*. Com referência aos stencils aplicados na UNESC (Figuras 28 e 29), a acadêmica considera a arte como uma crítica ao mundo consumista atual. Na última questão que faz referência aos valores que a sociedade carrega, Larissa não generaliza, mas acredita que muitos da sociedade dão mais valor ao dinheiro e aparência, salvos alguns que ainda carregam valores e pensam no próximo.

Num apanhado geral, quando entrevistei as vinte e três pessoas, a cada resposta ia se confirmando o que apresentei no meu stencil. As três perguntas fazem relação ao conhecimento do *graffiti*, a mensagem que os stencils da obra “A Maldição da Cédula” apresentam e os valores da sociedade.

O conhecimento do *graffiti*, ao avaliar as entrevistas, acadêmicos e pessoas na idade de 20 a 30 anos tem conhecimento, porém os mais novos e de idade acima de trinta anos tem pouco conhecimento ou nenhum.

Entrevistando três alunos do colégio Marista, nenhum deles conhecia a arte urbana, no entanto, todos que foram entrevistados na UNESC tinham

conhecimento e alguns uma relação muito forte com o *graffiti*. Criciúma não possui muitos *graffitis*, talvez seja por isso a falta de conhecimento, porém acredito que em instituições de ensino privado como colégios particulares a arte do graffiti não deve ter muito acesso.

Analisando as respostas referentes à pergunta de número 2, inserida neste capítulo, pode-se perceber que algumas pessoas têm fácil entendimento sobre o conceito da obra exposta, o materialismo e consumismo. Pela ausência de graffiti expostos na cidade, algumas pessoas não conseguiam identificar, e quando identificavam, conseguiam enxergar apenas o óbvio.

O que mais me chamou a atenção, não foi a abstração que a sociedade mantinha sobre a obra, mas sim o entendimento de que muitos de nós estamos sendo controlados pelo dinheiro e preocupados com a nossa aparência e estamos esquecendo do próximo e dos valores humanos.

As respostas foram de certa forma unânimes, considerando a sociedade materialista, não de forma generalizada, mas a maioria. Através da obra, pude colocar a sociedade em estado de questionamento sobre nossa conduta de vida e valores.

Quando o público frui a obra, realiza o movimento inverso – de fora para dentro, interiorizando-a. Para julgar sua própria obra, colocando-se no papel do público, o artista tem que assumir postura diferente – é quando o pintor recua, dando alguns passos para trás, para a sua pintura, ou quando escritor interrompe o trabalho em voz alta para ver o que escreveu. (COSTA, 2006, p.132).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre intervenção urbana, um tema que, de fato, sempre me interessei, porém, não imaginei que possibilitaria a aproximação de muitas fontes de conhecimento do qual eu tinha imensa curiosidade. Fazer ligação entre arte, psicologia e comportamento humano, trouxe-me entendimento a muitos assuntos que só ouvia falar, mas que agora faço parte.

Conhecer a história do *graffiti*, e saber o quanto ele é importante para a sociedade atual, só me deixa mais próximo da arte. Aprofundarmo-nos em conhecimento é muito gratificante, ainda mais quando você pesquisa e projeta algo para que seja utilizado em benefício do meio onde vive. Conhecer artistas que tem o mesmo pensamento que o seu quanto à arte, é como conhecer um novo amigo. Aprendendo sobre os artistas de Oaxaca, México, vi o quanto somos acomodados perante aquilo que nos incomoda. Além de um conhecimento teórico sobre stencil, tomei como lição para a minha vida que devo aflorar a arte na qual acredito para que eu possa ajudar a construir uma sociedade melhor.

A busca por novas bibliografias sobre *graffiti* e stencil estendeu-se a livros do Brasil, México e Estados Unidos. Enriqueci minha biblioteca de referenciais sobre arte e comportamento humano e descobri como os dois assuntos têm uma ligação muito forte. O mundo é cercado por uma sociedade que necessita se expressar, essas manifestações tiveram início há muito tempo em cavernas e pirâmides, e não parou por lá, refletiu em artistas que hoje são conceituados e também em mim, um acadêmico que tem como foco alertar sobre os males que nos rodeiam, utilizando como método de manifestação, a arte.

Estudar o comportamento da sociedade contemporânea e saber que o individualismo cresce a cada dia, só me deu forças para continuar minha pesquisa. Quando falo sobre narcisismo e individualismo jamais quero afirmar que todos nós somos individualistas e possuímos atitudes narcíseas. Com a obra, “A Maldição da Cédula”, eu apenas quis alertar que estamos migrando para um individualismo e um consumismo em massa. Não somos seres perfeitos, jamais teremos sempre boas atitudes, mas pensar duas vezes antes de agir já é um bom começo para haver mudança em nossa vida.

Enquanto estive focado em minha pesquisa pude compreender o quanto fiquei desacordado. Somos todos gigantes que possuímos grandes potenciais, porém adormecidos não podemos fazer nada, a não ser sonhar. Na adolescência eu sempre sonhei que um dia, de alguma forma iria conseguir mudar o mundo, porém, com a arte e minha pesquisa pude intervir e talvez mudar uma pequena parte da minha cidade.

REFERÊNCIAS

- A ARRUAÇA vence. Revista Veja, São Paulo, 27 nov. 1991. nº 48. p. 88-90
- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- ARTISTA “falsifica” CD e deixa Paris Hilton nua. Portal Terra, 4 set. 2006. Disponível em: <<http://musica.terra.com.br/interna/0,,OI1121659-EI1267,00.html>>. Acesso em: 11 mai. 2011.
- BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Brasília, 1998. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm> Acesso em: 14 jun. 2011.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: Uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COCCHIRALE, Fernando. **Quem tem medo de arte contemporânea?** Recife: Editora Massangana, 2007.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- COSTA, Cristina. **Questões de Arte**. São Paulo: Moderna, 2006.
- EICHENBERG, Fernando. **O Artista que Ajudou a Eleger Obama**. Bravo!, São Paulo, jan. 2009. Disponível em: <http://bravonline.abril.com.br/conteudo/artesplasticas/artesplasticasmateria_412465.shtml>. Acesso em: 13 mai. 2011
- EXIT Throught the gift shop. Direção de Banksy. Los Angeles, 2010. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt1587707/>>. Acesso em: 9 mai. 2011
- INTERVENÇÃO. ENCICLOPÉDIA Itaú. 2008. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=8882>. Acesso em: 15 mai. 2011
- GANZ, Nicholaz. **Graffiti Woman**. Londres: Thames & Hudson, 2006.

GRAFFITI toma conta das galerias de arte. Terra Magazine, 21 mar. 2009.
Disponível em: < <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3647940-EI6581,00-iGraffiti+toma+conta+das+galerias+de+arte.html> >. Acesso em: 15 out. 2010

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
GITAHY, Celso. **O que é graffiti?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

MACIEIRA, Cássia; PONTES, Juliana. **Na rua: pós-grafite, moda e vestígios**. Belo Horizonte, 2007

MELENDI, Maria Angélica. **O que é intervenção urbana?** São Paulo, 2009.
Disponível em: <<http://www.intervencaourbana.org>> Acesso em 15 Outubro de 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
NEVAER, Louis E.V. **Protest Graffiti México**: Oaxaca. New York City: Mark Batty Publisher, 2009.

NEVES, J.L. **Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades**. <cadernoletivos.pbworks.com/f/intervençõessuburbanas.doc>. Acessado em 15 de outubro de 2010.

PICHE. In: DICIONÁRIO online de português. 2011. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/piche_2/>. Acesso em: 7 mai. 2011

RIBEIRO, Binho. **Graffiti toma conta das galerias de arte**. São Paulo, 2010.
Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3647940-EI6581,00-iGraffiti+toma+conta+das+galerias+de+arte.html>> . Acesso em: 15 out. 2010.

SAMPAIO, Adriana Valadares. **Cultura Visual e desafios da Pesquisa em Arte: Graffiti e o espaço político**. Vol.1, FAV. São Paulo-SP, 2005.

SANTOS, Ana. **A cerca de mi**. <<http://anasantosmejia.blogspot.com/>>. Blog. Acesso em: 11 de maio de 2011

SMITH, Edward Lucie. **Os movimentos artísticos a partir de 1945**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SPINELLI, João J. **Texto Stencil Art na Contemporaneidade: Uma Homenagem a Alex Vallauri**, 2001. Disponível em: <<http://www.stencilbrasil.com.br/>>. Acesso em: 15 out. 2010.

STEFANELLI, Bárbara; ROCHA, Camilo. **Os Gêmeos estreiam exposição em SP neste sábado; leia entrevista**. Vírgula, 24 out. 2009. Disponível em: <<http://virgula.uol.com.br/ver/noticia/diversao/2009/10/23/225894-os-gemeos-estreiam-exposicao-em-sp-neste-sabado-leia-entrevista>>. Acesso em: 15 out. 2010.

VILLARINO, Inti Meza. **Conversación con Smeck del colectivo Arte Jaguar**. Corneta. 16 jun. 2010. Disponível em: <http://www.corneta.org/no_101/arte_jaguar_graffiti_estencil_en_oaxaca.html>. Acesso em: 11 mai. 2011